

CRIL/DAMAIA DE BAIXO

# Túnel passa a barreira de betão

Moradores e comerciantes sentem-se enganados

Publicidade enganosa, má-fé ou apenas um erro de cálculo? São questões colocadas pelos moradores e comerciantes da Rua Garcia de Orta, na Damaia de Baixo, que, desde Fevereiro, estão obrigados a conviver com as obras de construção do último troço da CRIL (Buraca-Pontinha), com todos os prejuízos inerentes a uma empreitada desta dimensão. Mas, o descontentamento agravou-se ainda mais quando foram surpreendidos com uma obra em nada semelhante à anunciada em folhetos pela Estradas de Portugal. "Nos materiais fornecidos pela EP existem algumas fotografias do antes e do depois da obra. Aqui podíamos ver o traçado em túnel e, a super-

fície, algumas áreas ajardinadas, um acesso pedonal entre a Damaia e o bairro de Santa Cruz e quatro faixas de circulação local, duas em cada sentido", começa por explicar uma comerciante. Todavia, há pouco mais de um mês, aperceberam-se da elevação do túnel, ao nível do primeiro andar dos prédios, "criando um muro de betão entre as duas zonas habitacionais", lamenta Cristina Dias, proprietária da Gelformoso, uma das lojas da rua. "Fui com o folheto à Junta de Freguesia e à Câmara da Amadora perguntar se tinham conhecimento desta alteração e responderam-me sempre que se trata de uma obra do Governo. Já na EP, continua a ser dis-



Para além de ascender a um nível equivalente aos primeiros pisos dos prédios, perfil do túnel cria uma barreira de betão entre a Damaia e Santa Cruz

tribuído este folheto", denuncia a comerciante. Uma outra residente explicou ao JR ter ouvido em tempos um rumor na zona sobre esse muro. "Mas com o folheto na mão não quisemos acreditar. Agora pensamos nisso: terá sido má-fé?", questiona. "Se sim, este é o muro da vergonha", acrescenta.

Sem esclarecimentos da Estradas de Portugal, o JR tentou saber junto da Câmara Municipal quais os motivos para tal diferença entre as maquetas e a situação actual. Gabriel Oliveira, vereador responsável pelo pelouro das obras municipais, disse ao JR ter sido, também, apanhado de surpresa. "A Câmara não tinha conhecimento do túnel naquela forma e achamos ser um atentado urbanístico", lamenta o responsável, acrescentando que também já pediu esclarecimentos à Estradas de Portugal, embora sem qualquer efeito até ao momento. Durante este processo chegou-se a especular de que teria sido a construção de uma nova conduta do ca-



neiro da Damaia a provocar tamanha alteração, mas, para o vereador, "a intervenção realizada pelos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento não justifica a discrepância de altura", acrescenta.

Sem solução para o que já está feito, Gabriel Oliveira vai avisando a EP de que "terá de arranjar uma solução, mesmo que seja mais dispendiosa, para, com arranjos urbanísticos, minimizar aquele impacto", alerta.

## Obras agravam sinais da crise

Na Rua Garcia de Orta ninguém duvida da necessidade de se concluir esta obra e da importância da mesma para a malha rodoviária da Grande Lisboa. "Há 30 anos que se falava nisto. Algum dia

lojas fecharam temporariamente as portas e outras vão no mesmo caminho", lamenta Cristina Dias. Uma funcionária de outra loja da rua confirma ao JR o clima de descontentamento que se vive. "Isto está muito mau. Passamos horas e horas sem entrar um cliente", denuncia. Segundo a proprietária da Gelformoso, "as quebras nas vendas chegam a estar na ordem dos 70 a 80%".

Momentos difíceis que motivaram a união entre os comerciantes da zona. "Juntámo-nos, cerca de 15 comerciantes, e contratámos um advogado para tentar negociar com a Estradas de Portugal algum tipo de compensação monetária. No entanto, já passaram alguns meses e não temos

## Alguns comerciantes locais optaram por encerrar portas durante as obras



## A fotomontagem divulgada nos folhetos nada tem a ver com o perfil actual do túnel da CRIL

havia de ser", desabafa uma moradora. Todavia, as obras estão a demorar mais do que o previsto. "Inicialmente afixaram um papel onde davam conta do período da obra: dois meses. Já vamos em Outubro...", acrescenta. A restrição de circulação automóvel, "particularmente dos autocarros", veio, segundo os comerciantes, agravar a tão malfadada crise económica. "Algumas

resposta. Sabemos que a EP pagou indemnizações a alguns dos moradores que tiveram de sair de suas casas, por isso era justo que nos ajudassem também", apela Cristina Dias.

O JR tentou obter esclarecimentos sobre estas matérias junto da EP, mas até ao fecho desta edição não obteve qualquer resposta.